

ENTRE VIVÊNCIAS E FICÇÃO: “DEVASSANDO” O FEMININO COLONIAL ATRAVÉS DA OBRA FÍLMICA XICA DA SILVA

Hallyson Alves Bezerra¹
Harriet Karolina Galdino Dos Santos²

RESUMO: A partir da década de 1970, o cinema teve o seu reconhecimento enquanto objeto da análise histórica inserindo-se no campo de preocupações da Nova História francesa, tendo sido Marc Ferro, historiador da terceira geração dos *Annales*, pioneiro nas discussões em torno do cinema enquanto fonte. De acordo com Ferro, o cinema possibilita o usufruto de um documento tão rico quanto os já utilizados, sendo, portanto o cinema uma nova linguagem que traz consigo uma nova dimensão ao conhecimento do passado. Partindo dessa premissa, o nosso trabalho tem por objetivo perceber as pluralidades femininas a partir da cinematografia, mais especificamente a partir da produção fílmica *Xica da Silva*, de 1976, dirigida por Cacá Diegues, a qual elucida a emancipação feminina e negra, assim como o cotidiano da sociedade mineira aurífera, dicotômica em seus códigos de conduta e culturalmente diversa. Para corroborar com a nossa proposta, acostamo-nos em estudos efetivados por Marc Ferro, Peter Burke e Ciro Flamarion no que tangem ao método de pesquisa em cinema e feminino, bem como leituras de Mary Del Priore, Sílvia Hunold Lara e Luciano Figueiredo que retratam em suas obras as práticas femininas de violência, transgressão e poder na América Portuguesa, demonstrando-nos que não cabe mais uma história unívoca e maniqueísta acerca da História das Mulheres.

Palavras-chave: Mulheres, colônia, transgressão

O presente artigo emergiu de uma de inúmeras conversas entre dois historiadores que amam seus objetos de estudo, e que durante quase cinco anos de graduação e de amizade resolveram contribuir com a historiografia, mas precisamente com os estudos acerca da América Portuguesa. Estas alíneas são um esboço de nosso artigo definitivo, que pretende apresentar não só a vida de um dos grandes ícones da história brasileira, *Xica da Silva* exemplo de mulher aguerrida que cavou suas próprias oportunidades nas Minas Gerais e deu um tapa na cara de muitos preconceituosos que tiveram que engolir sua ascensão econômica e sua condição de liberta e concubina de um nobre português; como também da branca Hortência que “representa” a mulher casta branca, uma falsa pudica. Nosso estudo visa mostrar as peculiaridades destas duas damas da sociedade mineira, ligando-as a uma análise mais geral acerca das mulheres no Brasil Colonial.

A obra fílmica é um potente método de pesquisa para um historiador, sua fácil acessibilidade, entendimento e porque não dizer magia transforma as aulas de História assim como o processo de pesquisa em um ato de criticidade e dinamismo. A utilização do filme trás aos alunos a aproximação com a temática, com os sujeitos, com o espaço e a temporalidade possibilitando uma facilidade no aprendizado das crianças.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande e Psicologia pela Universidade Estadual de Campina Grande.

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande.

Um panorama sobre a Sétima Arte

Direcionado inicialmente à massa operária, portanto visto com certo desprezo pela elite do início do século XIX, o cinematógrafo aos poucos foi sendo introduzido no cotidiano das sociedades, até tornar-se de meio de diversão à categoria de sétima arte, influenciando decisivamente, como concluiu o historiador Eric Hobsbawn (1988) “a maneira como as pessoas percebem e estruturam o mundo”. Corroborando com a visão inicial do cinema da época, o filme fora visto com desconfiança por aqueles que compunham a sociedade do historiador, não vendo neste objeto a incorporação que ganharia mais tarde, como documento possível de ser pesquisado, estudado, problematizado.

Os historiadores já recolocaram em seu lugar legítimo as fontes de origem popular, primeiro as escritas, depois as não-escritas: o folclore, as artes e as tradições populares. Resta agora estudar o filme, associá-lo com o mundo que o produz. Qual é a hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História. E qual o postulado? Que aquilo que não aconteceu (e por que não que aconteceu?), as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História. (FERRO, 1992, PP 86)

Resgatando as discussões advindas desta visão da imagem cinematográfica enquanto autêntica, exata e verídica, Ferro argumenta já nos anos 70 do século XX, que tanto o cinema documentário como o de ficção são ambos objetos que devem ser analisados cultural e socialmente. Com isso o historiador refutava a idéia de que o gênero documentário seria mais objetivo e que retrataria a realidade.

Partir da imagem, das imagens. Não buscar nelas somente ilustração, confirmação ou o desmentido do outro saber que é o da tradição escrita.

Considerar as imagens como tais, com o risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las. Os historiadores já recolocaram em seu lugar legítimo as fontes de origem popular, primeiro as escritas, depois as não-escritas: o folclore, as artes e as tradições populares. Resta agora estudar o filme, associá-lo com o mundo que o produz. Qual é a hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História. E qual o postulado? Que aquilo que não aconteceu (e por que não que aconteceu?), as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História. (FERRO, 1992, p. 86)

No artigo intitulado *O filme – Uma contra-análise da sociedade?*, pertencente à coletânea: *História: Novos objetos*, organizado por Pierre Nora, em 1975, Ferro traz um

crítica aos seus pares, ao afirmar que o cinema, apesar do seu centenário, ainda encontrava resistência entre os historiadores:

Não existe no caso nem incapacidade nem atraso, porém uma recusa inconsciente que procede causas complexas. Examinar quais “monumentos do passado” o historiador transformou em documentos, e depois, em nossos dias, “quais documentos a história transforma em monumentos”, seria uma primeira maneira de compreender e de ver por que o filme não figura entre elas. (FERRO, 1972, p. 2)

Assim, a partir de um conjunto de estudos que visavam problematizar as novas possibilidades de se estudar o cinema como fonte, o mesmo foi reconhecimento enquanto objeto da análise histórica, inserindo-se no campo de preocupações da Nova História francesa, tendo Ferro publicado na revista *Annales* um artigo intitulado “*Société Du XX siècle ET histoire cinématographique*”, elevando as discussões em torno do cinema enquanto fonte, criticando, conseqüentemente, o culto excessivo do documento escrito. De certa forma, as preocupações que cercavam Ferro vinham do ato “ultrapassado” dos historiadores, ao se limitarem no seu campo metodológico.

A partir da década de 1970, o cinema teve o seu reconhecimento enquanto objeto da análise histórica inserindo-se no campo de preocupações da Nova História francesa, tendo sido Marc Ferro, historiador da terceira geração dos *Annales*, pioneiro nas discussões em torno do cinema enquanto fonte. De acordo com Ferro, o cinema possibilita ao usufruir de um documento tão rico quanto os já utilizados, sendo o cinema uma nova linguagem que traz consigo uma nova dimensão ao conhecimento do passado.

Considerando o cinema enquanto documento, cabe ao historiador manuseá-lo, metodologicamente, como tal, uma vez que todo documento deve, necessariamente, ser problematizado e levado em consideração não como a fonte mesma da verdade, ele deve realizar uma análise crítica da imagem. Sobre o documento, observa Le Goff:

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento verdade. Todo documento é mentir. Cabe ao historiador no fazer o papel de ingênuo (...). É preciso começar por demonstrar, demolir esta montagem (a do monumento), desestruturar esta construção e analisar as condições de produção do documento-monumento (LE GOFF, 2003:102-103).

A História Cultural permite discutir imagens analisando aquilo que pode ser visto, como: fotos, pinturas, filmes, retratos, desenhos etc., através da representação de ou alguém. A imagem é um documento que, muitas vezes, não representa a realidade. O historiador deverá procurar pistas na tentativa de resgatar traços semelhantes ao acontecido, ou desconstruir a imagem que foi representada. A Psicanálise, com a sua busca pelos sentidos mais ou menos vigiados que as imagens comportavam, abriu caminhos para os estudos do simbólico, além de revelar a importância do indivíduo.

Uma historiografia do feminino

Durante toda a historiografia as mulheres detiveram várias representações e falas de si, no positivismo essa mulher não detinha voz, pois como o próprio Hegel afirma aquele momento era dos grandes homens históricos, de uma genealogia da escrita que visava apenas construir um imaginário masculino e impetrava o poder seja através do gênero, do status social, da religião, da cultura; enfim se produziu a respeito do feminino de uma maneira excludente, inferiorizante e com um imaginário vinculado ao medievo, seria uma espécie de misoginia historiográfica do feminino. Já na História social visualizamos uma abertura ao discurso feminino sobre si, porém muito vinculado as lutas de classes e aos movimentos sociais, o movimento feminista ganha um fôlego, porém se divide por ter uma ala mais radical.

A categoria gênero irá emergir justamente após essa ruptura do movimento, pois o mesmo não satisfazia as necessidades de todas as mulheres, e querendo ou não o feminino é ligado diretamente as vivências ao gênero oposto ou ao próprio gênero, daí podemos tirar também o conceito de pluralidade feminina, que irá designar a expressão História das mulheres, não de um feminino único saindo da generalização dos perfis femininos existentes. A Nova História através das mentalidades e através de um conceito de História mais amplo, interdisciplinar e que procura entender o macro a partir das micro-realidades vivências vai trazer um gás a não só escrita dos femininos como darão a elas a oportunidade de falar de si.

Michelle Perrot uma das mais renomadas historiadoras em seu mais recente livro intitulado de “Minha História das Mulheres” ressalva as transformações ocorridas tanto na escrita da História do feminino como nas relações sociais que a mesma desencadeou com sua contínua luta pela igualdade dos gêneros. Contudo, vai ser na Revolução Francesa que a mulher burguesa, belicosa irá trazer os primeiros contornos dessa liberdade social e sexual, segundo a autora a mulher era detentora da educação/orientação de sua prole assim como

também era a responsável por cuidar do afazeres domésticos e das jornadas de trabalho. “Liberdade” ainda desigual entre os gêneros devido principalmente aos baixos salários e aos acometimentos sexuais sofridos por mulheres da classe mais pobre.

A maioria das percepções acerca da mulher, nos mais variados períodos da história humana, é baseada na imagem que era produzida dela, na maioria das vezes fabricada pelo homem: padre, marido, pai. Deste modo, temos a figura da mulher deste período como uma “imagem fabricada”, tomando como base os paradigmas da Igreja, como sendo a maior responsável por essa ambigüidade da imagem da mulher: ora sendo representada, fabricada, como um ser imaculado nos moldes de Maria, mãe de Jesus, ora sendo comparada a Eva, “costela” de Adão que levou o homem à perdição, e que ainda o leva a cometer os mais terríveis, porém excitantes, pecados.

Delumeau em a “História do Medo no Ocidente” descreve esse sentimento de misoginia, enaltecido principalmente no Medievo pelos religiosos católicos que viam na mulher uma ‘parente’ do pecado e porque não dizer de satã. Ranço este que advém do início dos tempos, quando Deus criou o homem e a mulher, Delumeau apresenta-nos dois mitos fundadores da humanidade e do pecado, o primeiro seria o de Adão e Eva, onde a mesma foi convencida pela cobra representação de satã que o único fruto que não poderia ser comido era o mais gostoso, sendo assim a mulher influenciou negativamente Adão ao pecado, uma vez que o mesmo foi vítima das argüições ardilosas de Eva sendo, portanto expulsos do paraíso e conseqüentemente destituídos da pureza e o gozo do bem-estar sem o suor do trabalho; Eva sofreria ainda mais com a menstruação, com o parto trazendo para si a culpa dos problemas do mundo, de sua sociedade, de sua casa. O outro mito adentra a copula carnal entre os gêneros masculino e feminino que deu origem a subjugação da mulher ao homem, neste mito a mulher estaria tomando água a beira de um depósito de água e o homem de forma abrupta teria a empurrado dizendo que ele deveria tomar água primeiro, no momento de tal ação esta mulher teria caído no chão e mostrado suas pernas, ato este que principiou um sentimento animalesco no homem, sendo ela uma espécie de primeira professora do sexo, ficando sobre cima na relação sexual, o homem aprendendo as peripécias sexuais femininas, pede para ficar por cima e mostrá-la outras posições, o que nos enfatiza mais uma vez o pensamento de dominação masculina através do ato de ficar por cima.

A diabolização da mulher é muito recorrente no período medieval, a mesma era vista como irmã mais velha de satã o que explica porque boa parte das mulheres foram jogadas a

fogueira, era inconcebível na sociedade medieval que uma mulher possuísse atitudes delegadas ao homem. A Igreja impetrou na sociedade a aversão a mulher, mas ao mesmo tempo fala da necessidade de tê-la por perto tanto para vigiá-la como para perpetuar a espécie. Os manuscritos que freqüentemente demonizam e inferiorizam o feminino não datam do medievo, mas sim da própria antiguidade como é o caso de Aristóteles que fala em sua obra sobre ética e política sobre o lugar que esta mulher ocupa na sociedade e o tratamento que deve ser dado a mesma.

A mulher seria um apêndice do homem, igualada socialmente a um escravo, devendo ser vigiada até nos afazeres de casa, pois ela é voluntariosa e facilmente iludida. Sabendo que a filosofia medieval detém suas raízes na antiguidade, este pensamento foi redimensionado para a perspectiva mítico-religiosa onde a Igreja se apropria da religião para interferir nos costumes, na sociedade, na política e na economia de seus seguidores, uma reflexão do feminino re-significada através das sagradas escrituras perpassando de geração em geração o preconceito contra as mulheres e confirmação das diferenças e deveres sociais de cada gênero.

A fisiologia feminina é tratada antes do conhecimento técnico-científico como uma aberração do mal, onde a mulher muitas vezes era possuída por espíritos ruins, o mistério da menstruação e do parto sempre trouxeram um ar de malévolos ao feminino como também um certo medo e frustração por parte do ser masculino, como um ser que tem o sexo introvertido é capaz de gerar um outro ser?

Por entre dores e castigos nasce uma rainha

A violência na sociedade escravagista atuava como um instrumento de controle social, os negros eram constantemente vigiados por seus senhores ou subordinados, as agressões físicas e os insultos demonstravam a superioridade da etnia branca e a segurança de que detinham as rédeas de suas “peças”. Entretanto, Silvia Hunold Lara acredita que no extenso período de escravidão negra no Brasil as relações senhor - escravo se deram nas mais variadas e dicotômicas formas, ou seja, o cotidiano das relações entre escravos e senhores nem sempre foram de enfrentamento, castigos e aviltamentos, ao mesmo tempo negros eram tratados com cordialidade e respeito por seus “donos”, sendo muitas vezes apadrinhados ainda crianças, mais corriqueiramente em fins do século XIX, segundo Lara:

As variações no tratamento dispensado aos escravos eram motivadas ora por condições histórico-sociais peculiares, ora dependiam da organização patriarcal da família, ou eram geradas por um comportamento do cativo que

atendia às expectativas senhoriais; ora podiam significar um meio de “contornar, reprimir ou canalizar as tensões sociais inerentes ao sistema” ou ainda dependiam das oscilações da economia mercantil, de seus momentos de crise ou expansão. (LARA,1988:101)

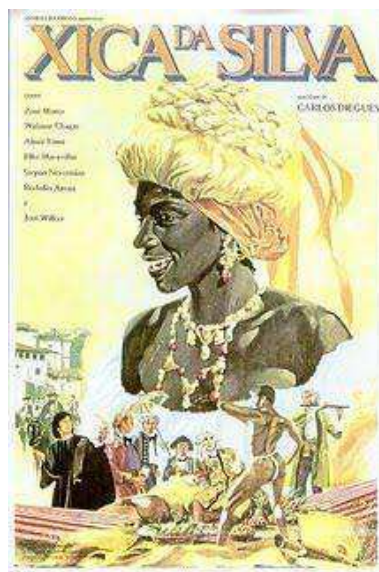
Nas teias da justiça a criminalidade negra será vista de uma forma rigorosa, onde a “pedagogia do castigo” irá imperar na maioria dos casos, coerções que jamais deveriam ser esquecidas, sobretudo o seu lugar ou papel no meio social.

Os casos de amor e ódio entre os (as) negros (as) e seus (suas) senhores (as) são o exemplo vivo dessas relações de poder uma vez que os donos das “peças” tinham “domínio” sobre os mesmos de forma a subjugar-los e utilizá-los como objetos de seus desejos, na sua grande maioria mulheres, uma vez que o assédio feminino das senhoras para com os escravos era bem menor, sem contar que as mesmas usavam seu poder de “patroas” para castigar as escravas bonitas que interessavam seus maridos e mantinham casos extraconjugais; o que não observamos antes, mas, hoje nos é mais claro, é a figura da negra que se utiliza do corpo e da sua astúcia para conseguir melhores condições de sobrevivência tanto na senzala quanto fora dela, não misturando o subjetivismo da paixão a seus planos, porém nem sempre era assim também havia casos em que escravas (os) apaixonavam-se por seus donos (as), entretanto o final nem sempre era feliz como é o caso da protagonista Xica da Silva da obra fílmica dirigida por Cacá Diegues.

No Brasil colônia de acordo com Mary Del Priore as mulheres detinham uma relação ambígua entre real e ideal, seu comportamento deveria sustentar-se nos alicerces das regras morais, muito bem estabelecidas por um sistema patriarcalista de tutelação e castração do feminino.

A chegada das mulheres brancas na colônia deveu-se principalmente as angustias cristãs de perpetuação da fé católica, dos costumes e da moral que se esvaia pelos laços de amasiamento entre brancos, negras e índias; relações não aceitas não só pela classe a que pertenciam, mas pelo sentimento de superioridade e preconceito racial.

A obra fílmica Xica da Silva do autor Carlos Diegues é um drama/histórico do ano de 1976 baseado na história de uma negra que viveu na segunda metade do século XVIII no Distrito Diamantino, em Minas Gerais, símbolo da emancipação feminina e negra no Brasil.



O filme é baseado na História real de uma mulher que conseguiu ascender economicamente, vindo de muito baixo, enfrentando a sociedade que a via como uma negra abusada que não merecia ter o poder político-social que conquistara, muito criticada pelos meios que utilizou para sair da condição de escrava e chegar ao posto de concubina do Contratador João Fernandes, homem muito rico e bem posto na Coroa Portuguesa, seus filhos que não são abordados no filme, mas constam em várias biografias de sua vida detiveram posições de destaque devido a sua filiação nobre.

Duas personagens se destacam na trama de Diegues Hortência (Elke Maravilha) e Xica (Zezé Motta) explicitando contornos, sinuosidades muito pitorescas dos perfis da mulher branca e negra na colônia, enquanto Xica é desejada por inúmeros homens e é explorada sexualmente e economicamente por seus senhores o Sargento-mor e José, Hortência vive um casamento com um homem manipulável, Xica instiga não só a ira como também o ciúme dessa senhora que deseja estar em seu lugar de amante do Contratador.

Xica arquiteta um plano para conquistar João Fernandes e assim usufruir das mordomias de sua posição, enquanto Hortência tenta pôr por terra os planos da jovem através das influências que possuía na corte, não se importando com o contratador por quem nutria certos desejos. Entretanto a chegada do assistente do The Count of Valadares comprova que Hortência tinha muito de Xica embora não haja nenhuma cena que aponte uma traição por parte dela, nos possibilitando duas interpretações, ou Hortência mantinha casos na clandestinidade ou trancava seus desejos mais libidinosos a sete chaves, detendo assim uma inveja da liberdade sexual que Xica detinha a falta de compromisso para com uma estrutura moral/social que não lhe pertencia.

Uma das cenas mais chocantes da obra é o primeiro dia de “senhora” de Xica onde a mesma agride outra escrava por não querer servi-la, demonstrando por parte da protagonista o papel de “branca” que assumira, e por parte da serviçal a não aceitação em subjugar-se a alguém de sua mesma etnia. Seria um preconceito velado por parte da escrava? Por que Xica tão rápido incutiu sobre os demais o poder de dominação? Por que tal situação deixou João Fernandes de certa forma consternado?

Em outra passagem Xica para salvar seu homem e a riqueza que conseguira decide mais uma vez utilizar do poder de sedução e persuasão para deter o Conde que veio fiscalizar a permanência do contratador nas Minas de Diamantes, que não entendia como tal empregado da Corte pôde enriquecer-se mais do que a Coroa Portuguesa, tentativa da liberta negra que não deu resultado, pelo menos não o esperado; são depostos João Fernandes e a rainha negra que antes era tolerada, agora é violentada através de palavras acusatórias, xingamentos e pedradas; talvez seja nesse momento que vejamos quão Xica também era sensível e sofre com a partida do seu sustento, do seu amor, da sua liberdade.

A protagonista ainda é atribuída outros feitos como, por exemplo: Arrancar os dentes de uma branca que tentou conquistar seu homem, enviando-os para seu esposo fazer um colar para amante; cortou os testículos de um homem que fez mal a uma de suas mucamas; guardava escravos fujões no Convento dos Prisioneiros e mandava inúmeros brancos pobres que lhe pediam emprego trabalhar nas minas de ouro e diamantes junto com os escravos. Esta face de Xica demonstra que seu poder não foi só convertido para o luxo, ela preocupava-se com o próximo e renegava a violência contra os negros, o fato ocorrido com a mulher branca representa uma espécie de vingança do gênero feminino negro que sofreu mutilações pelo ciúme de senhoras casadas, por que não utilizar-se da mesma artimanha para humilhar quem tanto ostenta decência.

Resumiria esta obra fílmica em um dos capítulos mais belos que já lemos acerca do imagético feminino na colônia, baseado na obra literária “Canibalismo Amoroso” que destaca os papéis sociais que a mulher negra e a mulher não negra, desempenhou na colônia, enquanto uma era flor, outra era fruto; enquanto uma tem o cheiro, a cor, o gosto da fruta tropical, a outra é um linda flor, que nasce no jardim e fica as vistas das visitas; enquanto uma é para casar a outra atormenta com sua libido; enquanto uma está na cozinha e dentro das redes fazendo um cafuné gostoso, a outra esta na cama tendo mais um filho que perpetuará o brasão da família.

Entretanto as pluralidades que queremos expor e ainda o faremos na continuação de nossos estudos são quanto aos estudos de gênero nas obras fílmicas, nas documentações, nas

biografias, nas peculiaridades que podem transforma-se em vivências também de outras mulheres em outros espaços e temporalidades. Através de personagens reconhecidas nacionalmente é possível também enxergar a vida de tantas outras Chicas, Hortêneas, Franciscas, Marias em outros cantos do Brasil.

Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)* – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2000.

DEL PRIORE, Mary. *Mulheres no Brasil Colonial*. – São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *História do Amor no Brasil*. – São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800. Uma cidade sitiada*: tradução Maria Lúcia Machado. Tradução das notas Heloisa Jahn – São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *O Filme: uma contra-análise da sociedade?* in: NORA, Pierre (org.). *História: novos objetos*. R.J.: Francisco Alves, 1975.

KORNIS, Mônica Almeida. *História e Cinema: um debate metodológico*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 237-250.

LARA, Silvia Hunold. *Campos da Violência: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 2003.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bottmann. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *Minha História das mulheres*. Tradução Angela M. S. Corrêa. – São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi. *O Historiador e suas fontes*. – São Paulo: Contexto, 2009.